

SOBRE A SIGNIFICAÇÃO EM DOIS MOMENTOS: DE JAKOBSON À LINGUÍSTICA DE CORPUS

Joseane Amaral

josi.ibiruba@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2090413581855292>

RESUMO

O linguista Roman Jakobson é um dos estudiosos cuja hermenêutica ultrapassa o campo da linguagem, estabelecendo relações com diversas áreas do conhecimento. A presente pesquisa bibliográfica traz recortes do pensamento do autor no que se refere ao estudo da significação, especialmente na tradução poética, nas funções da comunicação e na reflexão acerca da Semiótica de Peirce. Também pontuamos a vertente probabilística da linguagem, Linguística de Corpus, abordagem utilizada para ancorar nossa pesquisa de Mestrado. Embora distinto do ramo de atuação jakobsoniano, o trabalho com corpora também circunda a questão da significação, a partir da ocorrência/recorrência de vocábulos no texto, fator que contribui para o avanço das pesquisas na área.

Palavras-chave: Significação. Jakobson. Linguística de Corpus.

Princípios desta discussão

O presente artigo pretende elucidar o que constitui uma marca nos textos de Roman Jakobson: o estudo da significação. Embora não seja esta a problemática que o nomeia como um dos mais importantes linguistas russos, é possível perceber nas reflexões do estudioso uma busca transdisciplinar pelas questões semânticas. O olhar arguto do mestre que resgatou o estudo estruturalista das relações entre significante e significado, possibilitou o estabelecimento de diferentes associações que tangenciam a linguagem, em vários domínios do conhecimento.

Partindo de fatos marcantes da vida do linguista, apontamos seus estudos mais importantes e, de certa forma, como eles se relacionam com a questão do significado, seja pela preocupação com a tradução poética, pelas funções da comunicação ou em retomadas dos estudos peirceanos na Semiótica.

Em um segundo momento, apresentamos outra vertente de estudos que, embora distinta do estruturalismo jakobsoniano, trabalha com as questões da significação sob outra ótica, a Linguística de Corpus. Nossa opção se justifica pelo fato de realizarmos nossa pesquisa de dissertação com estudos baseados em corpus. Não se pretende aqui

estabelecer comparações entre estas linhas de pensamento, apenas expor como o estudo semântico na vertente probabilística da linguagem pode ter sido impulsionado por estudos de linguistas de campo como Franz Bôas, um dos grandes parceiros intelectuais de Roman Jakobson.

Entre diálogos, uma prolífera vida intelectual

O contato com a obra jakobsoniana instiga e envolve os leitores. Tanto pela forma como escreve quanto pela condução do texto, suas palavras parecem traduzir o espírito de sua inspirada existência. A vida do “poeta da linguística”, como era chamado por Haroldo de Campos, foi marcada pelo convívio com grandes nomes das artes, da pintura, e de áreas aparentemente não relacionadas à linguística, o que certamente motivou as relações transdisciplinares de sua obra. O pensamento pululante e não fragmentado de Jakobson permitiu associações que ultrapassaram as Ciências do Humano, contudo, sem esquecer dos limites entre o que é passível de exercer influência no desenvolvimento de áreas nomeadamente distintas.

Nascido a 11 de outubro de 1896, em Moscou, Roman Jakobson destaca-se durante o século XX na divulgação de trabalhos que buscam a intersecção da linguística com a poética. Entre suas contribuições intelectuais estão a participação na criação do Círculo Linguístico de Moscou em 1915; do Círculo Linguístico de São Petesburgo, em 1917; e do Círculo Linguístico de Praga, em 1926.

Segundo Flores e Teixeira (2005), Jakobson é autor de mais de seiscentas publicações, entre artigos e livros. Quanto aos seus principais temas de interesse, encontramos o folclore, a poesia, a fonologia, a crítica literária, a aquisição de linguagem, as línguas do mundo e a patologia de linguagem.

A leitura de *Diálogos* (1985), obra em que Jakobson e sua esposa Krystyna Pomorska compõem uma espécie de reflexão em voz alta, retrata o ambiente intelectual vivido pelo linguista de curiosidade “infatigável”, como salienta Boris Schnaiderman no prefácio do livro. A conversa que mistura a biografia do autor a fatos marcantes do mundo

russo e da trajetória intelectual do estudioso é reflexo puro da vida que não conheceu horizontes para a promoção do conhecimento.

De acordo com Weedwood (2002) Nikolai Sergeievitch Trubetzkoy e Roman Jakobson, ambos russos emigrados, são representantes notáveis da Escola de Praga, uma das mais importantes escolas de linguística estrutural surgidas na Europa na primeira metade do século XX. Da grande amizade e parceria com Trubetzkoy, fundador dos estudos da fonologia na Rússia, à convivência estreita com representantes da pintura abstrata, emergiram associações que lhe possibilitaram a compreensão de uma nova arte, bem como dos elementos de significação na pintura e na língua.

Em linhas gerais, pode-se dizer que *Diálogos* apresenta uma sinopse da vida intelectual do poeta da linguística. Grandes nomes são citados na obra, como Peirce e seu antecessor John Locke, na Semiótica; o dialogismo de Bakhtin; e até mesmo Einstein e a teoria da relatividade, tema que interessou muito ao poeta Maiakovski, cuja biografia torna-se mais tarde objeto de estudos para Jakobson. Esse permanente diálogo com as diferentes ciências e o convívio com a diversidade intelectual expandiu as fronteiras do pensamento do estudioso: Jakobson fora a personificação do dialogismo bakhtiniano.

O início, uma paixão: a poesia

Através da Literatura, Jakobson inicia sua trajetória intelectual e abre caminhos para outras incursões cognitivas. Inicialmente, o estudo do folclore e das lendas moscovitas levaram-no a perceber algo interessante nas relações entre som e sentido. A poesia, confessa Jakobson, foi sua primeira paixão. Escrever versos e estudar a arte poética eram inseparáveis para ele: “lembro-me, com algum espanto, de que aos nove ou dez anos, eu tentava representar os versos que lia e, também, de meus esforços de verzejador na imediata invenção de esquemas métricos com essa finalidade”, salienta o linguista (JAKOBSON, 1985, p.12).

O estudioso percebeu, também, que o desenvolvimento da poesia russa fora precedido pelo desenvolvimento de uma nova pintura. Em suas peregrinações de um país a outro, fez muitas leituras, em diferentes línguas, podendo aprimorar seus estudos ao

estabelecer comparações dos fenômenos linguísticos que observava numa e noutra línguas.

Ainda na obra *Diálogos* (1985, p. 44), relata que um de seus trabalhos sobre as leis fônicas da linguagem infantil, destinado ao V Congresso Internacional de Linguística, fora adiado devido à II Guerra Mundial. Nesse ambiente de constantes deslocamentos o poeta da linguística construiu uma obra intelectual de difícil equiparação. Seu entusiasmo pela significação surge muito cedo, conforme ele mesmo atesta (1985, p. 13):

Garoto de dez anos, eu me empolgava realmente com a elaboração de longas listas, em que apareciam as diferentes significações de cada caso empregado com ou sem preposição e comparado com todos os outros casos. A preparação desses cadernos tornou-se um jogo cativante para mim. Lembrei-me disso claramente trinta anos mais tarde, quando escrevia [...] um estudo teórico das significações gerais, comparadas sistematicamente com as significações particulares, contextuais, dos casos russos.

Nesse contexto, outro dado importante aparece em *Six leçons sur le son et le sens*, obra em que Jakobson coloca em primeiro plano a relação recíproca entre o invólucro fônico da língua e seu aspecto semântico. Foi pela poesia que o linguista chegou à importância do estudo da gramática. Segundo ele, a Linguística “abriu os olhos” para essa compreensão pela análise dos versos de diferentes línguas. Este problema torna-se particularmente interessante nos estudos da tradução de versos, tópico que tratamos a seguir.

Sistema e estrutura: o problema da tradução na poesia

Reiterando seu apreço pela poesia, Jakobson (1977) chama a atenção para o fato de que, segundo os antropólogos, não há grupos étnicos desprovidos de poesia, mesmo em sociedades primitivas. No mesmo texto, o linguista apresenta exemplos sobre o estudo da significação e dos problemas de tradução de versos em diferentes idiomas. Assim, mostra a importância de considerar as diferenças entre as línguas, especialmente com relação às categorias gramaticais, entre as quais figuram os pronomes.

Com o exemplo do poema “Amei”, de Puchkin, mostra que a tradução do russo (original) para a língua polaca não encontrava correspondentes adequados no uso dos pronomes. O poema tratava de um diálogo entre “eu” e “vós” - normal na língua russa – mas que, na transcrição para o polaco encontrava problemas, pois o pronome “vós” inexistia nesta língua, e utilizar o “tu” conferiria tom muito íntimo ao texto, numa língua em que usualmente as desinências expressam as pessoas, e não os pronomes.

Ao mencionar o problema dos gêneros gramaticais masculino/feminino, Jakobson rememora sua infância e lembra-se da leitura intrigante dos contos alemães de Grimm, nos quais a Morte aparecia na figura de um velho. O protesto do linguista à sua mãe - “a Morte é uma mulher!” – fora mais tarde esclarecido: em alemão, a palavra morte pertence ao gênero masculino. Esses e outros exemplos apresentam claramente as questões de representação subjacentes a cada cultura e, conseqüentemente, os problemas de tradução mencionados pelo estudioso. Especialmente na poesia, onde é preciso tratar do jogo entre sons e sentido, o trabalho de transposição é intenso e, por vezes, não encontra correspondentes. (JAKOBSON, 1973). O tradutor deve atuar na estrutura da língua, conhecendo não somente o sistema, tal como postulado por Saussure; necessita agir em profundidade, num plano que envolve também os aspectos culturais e de representação da língua em questão. Para tanto, precisa conhecer muito bem as funções da linguagem, outro importante trabalho de Jakobson em que o ato de significar encontra-se intrinsecamente presente.

Funções da linguagem e o ato de significar

A concepção das funções da linguagem é elucidada por Jakobson em *Linguística e Poética*, uma de suas muitas conferências publicadas em livro. No texto, o linguista trata da necessidade de estudar a linguagem em toda a sua variedade de funções. Sobre esse aspecto, Flores e Teixeira (2005, p. 22) salientam:

Jakobson pode ser considerado um dos primeiros linguistas a pensar sobre as questões da enunciação, porque sua teoria das funções da linguagem e seu trabalho sobre os shifters são algumas das primeiras sistematizações que se têm em linguística sobre o lugar do sujeito na língua [...] A bem da verdade, o primeiro a tratar das funções da

linguagem não é Jakobson, mas o psicólogo alemão Karl Bühler, em obra de 1934 [...] Estão implicados no esquema de Bühler, o mundo (o conteúdo do qual se fala), o locutor (aquele que fala) e o destinatário (aquele com quem se fala). Por esse motivo, o enunciado linguístico é, essencialmente, o ato de significar algo (representação) por alguém (o locutor) a outro alguém (destinatário).

É preciso destacar que o esquema triádico de Bühler foi retomado por Jakobson, que postulou a existência de seis funções da linguagem: *emotiva* ou *expressiva*, centrada no remetente; *conativa*, orientada para o destinatário; *fática*, voltada ao contato; *metalinguística*, centrada no código; *poética*, com enfoque na mensagem; *referencial*, voltada ao contexto ou referente. O funcionamento é assim exposto pelo teórico (1977): o *remetente* envia uma *mensagem* ao destinatário. Para ser eficaz, a mensagem requer um *contexto* a que se refere (ou referente), apreensível pelo destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um *contato*, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação.

A leitura atenta das funções da linguagem demonstra o empenho de Jakobson em tratar de cada um dos elementos envolvidos no ato da comunicação. Esta teoria ainda é largamente utilizada em Cursos de Comunicação Social no Brasil, constando inclusive em livros didáticos de nível secundário – na maioria das vezes sem a devida menção ao nome do teórico.

Ainda no que se refere ao ato de significar, o estudioso menciona as relevantes contribuições de Peirce, contemporâneo de Ferdinand de Saussure e um dos precursores da análise estrutural linguística. Nos estudos da Semiótica, Peirce esboçou as grandes linhas e estabeleceu as distinções entre *ícone*, *índice* e *símbolo*. Jakobson resgata o debate sobre o comportamento do signo *índice* em diferentes culturas (1977, p. 104):

Peirce adianta que 'seria difícil, se não impossível, citar um exemplo de índice absolutamente puro, assim como encontrar um índice que seja completamente desprovido de qualidade indicativa'. Mesmo um índice tão típico quanto um dedo apontado numa direção recebe, em diferentes culturas, significações diferentes; por exemplo, para certas tribos da África do Sul, indicar um objeto com o dedo é amaldiçoá-lo.

Com esse fragmento, é possível perceber que as discussões de Jakobson sempre perpassam os estudos da significação. No problema da interpretação do índice peirceano em diferentes culturas, o que subjaz a essas questões são as relações entre significante e significado, numa visão mais ampla da linguagem. Refletindo sobre a evolução dos estudos linguísticos, apresentamos a seguir como se dá o estudo semântico nos atuais estudos da linguística de linhagem probabilística com base em corpus.

A significação na Linguística de Corpus

A Linguística de Corpus (LC) é considerada uma vertente de estudos ainda recente no Brasil, registra Tony Berber Sardinha (2004), pesquisador e professor da PUC-SP e um dos grandes nomes da área no país. A corrente ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística.

Ainda segundo o estudioso (2004, p. 39), a LC “busca evidências de que o léxico seja padronizado, isto é, de que haja uma regularidade nos tipos de associação a que se submetem as palavras de uma língua”. Nesse contexto, merecem atenção os estudos de Biderman (1998), *apud* Berber Sardinha (2004, p. 163), sobre a importância da simetria nos fenômenos linguísticos:

A frequência é uma característica típica da palavra. Aliás, a norma linguística se baseia na frequência dos usos linguísticos. Assim, a norma linguística nada mais é do que a média dos usos frequentes das palavras que são aceitas pelas comunidades dos falantes. E não é só isso. Também as mudanças linguísticas que, no decorrer da história, levam de um estado de língua a outro, advêm das frequências de certos usos em detrimento de outros.

O primeiro corpus linguístico eletrônico foi lançado em 1964. O *Brown University Standard Corpus of Present-day American English* compunha-se de 1 milhão de palavras, quantidade considerável para a época. De acordo com Berber Sardinha (2004) havia corpora antes do computador, já que o sentido original da palavra corpus é corpo, conjunto de documentos. Na Grécia antiga, Alexandre, o Grande, definiu o Corpus

Helenístico. Na Antiguidade e na Idade Média, produziram-se corpora de citações da Bíblia. O pesquisador defende que a diferença entre essa época e a atual é que, além dos corpora não serem eletrônicos e a análise dar-se manualmente, a ênfase dos trabalhos era o ensino de línguas, ao passo que hoje predomina a descrição de linguagem.

Um dos *softwares* mais utilizados para o trabalho com corpora é o WordSmith Tools (WST), de autoria de Mike Scott. O software possui recursos extremamente poderosos na análise de linguagem, como a composição lexical, a temática de textos selecionados e a organização retórica e composicional de gêneros discursivos. Com o programa, é possível gerar listas de palavras, mostrando a frequência com que aparecem, concordâncias, colocados, padrões de colocados, lista de palavras-chave, entre várias outras opções.

Nos estudos da significação, a ligação da co-ocorrência das palavras com o significado indicia resultados significativos. Guiraud *apud* Berber Sardinha (2004, p. 163) oferece uma importante observação a esse respeito: “certamente, todo o signo é uma criação individual [...] mas é também e sobretudo uma criação coletiva: a palavra, criada pelo indivíduo, não assume seu valor senão na medida em que é aceita, retomada, repetida; por isso ela se define, afinal, pela soma de seus empregos”. Passamos a explicitar a maneira como isso se relaciona ao que pretendemos destacar. Assim como Jakobson buscou construir, com o estudo das regularidades nas ligações das unidades mínimas dotadas de significado e seus respectivos sons, a frequência de palavras como objeto da LC pode indicar o estabelecimento de normas linguísticas, mudanças, variações diacrônicas, como também demonstram os estudos de Bidermann.

Em outra obra, Berber Sardinha (2000) assevera que durante boa parte do século XX houve muitos pesquisadores que se dedicaram à descrição da linguagem por meio de corpora, entre eles linguistas de campo como Franz Bôas. Para o antropólogo norte-americano de origem alemã, toda diferença nas categorias gramaticais conduz informação semântica. Sobre esse assunto, Jakobson (1977, p. 92-93) refere-se ao antropólogo pronunciando que “ele não aceitava uma teoria não-semântica da estrutura gramatical, e qualquer alusão derrotista à imaginária obscuridade da noção de significação parecia a Bôas obscura e sem sentido ela própria”.

Amarrando essa ligação teórica entre ambos, citamos um dos textos em que o linguista faz menção aos trabalhos do antropólogo, no artigo intitulado “A concepção de significação gramatical segundo Bôas”. A partir dessas leituras, podemos pensar que o trabalho com corpora iniciado por Bôas possui hoje outras dimensões. No presente artigo abordaremos a realização dos trabalhos da LC na era das tecnologias de rede, tendo em vista que, no princípio, a confiabilidade da pesquisa baseada em corpus era questionada, pois o processamento dos dados era feito manualmente. Podemos dizer que a introdução do computador e dos softwares trouxe novas configurações a esse ramo de pesquisa, assunto explicitado no próximo item.

Linguística de Corpus e a investigação semântica baseada em ocorrências

A partir das mudanças introduzidas pela era informático-mediática, a investigação linguística toma outros caminhos, surgem diferentes paradigmas e formas de expressão no campo das linguagens. Graças ao uso da tecnologia, mais precisamente do computador e dos softwares, a LC ganha mais espaço e credibilidade nas pesquisas envolvendo a linguagem.

Refletindo sobre a questão do significado pela demonstração da regularidade em certas estruturas gramaticais, aludimos aos estudos de nossa pesquisa de dissertação, cujo intento fora analisar corpora compostos por textos veiculados em textos midiáticos. Através dos recursos computacionais que nos permitem extrair, de modo confiável, material linguístico para pesquisa, objetivamos descobrir indícios discursivos que marcam a constituição do papel social do professor de línguas.

Nosso recorte ocorreu a partir da análise da frequência, da concordância e da relação semântica entre as palavras dos corpora. A partir disso, resultados quantitativos serviram como base para uma análise qualitativa, pautada nas marcas discursivas e nos movimentos de sentido que atuam na constituição do papel social do professor de línguas. Exemplificando, em termos práticos examinamos como as ocorrências da palavra “professor” estão ligadas a outros termos que, numa análise de concordância semântica, podem indicar como o papel docente vem sendo discursivizado pela mídia educacional.

No atual contexto de ensino, acumulam-se diferentes atribuições ao docente de Letras. Por essa razão, a apreciação do corpus visou desvendar que tipos de expectativas subjazem aos textos. De certa forma, numa concepção benvenistiana, analisaremos como a enunciação cria língua e, do ponto de vista luhmanniano, como esse discurso migra de uma esfera profissional (mídia) para outra (profissão docente). Nesse sentido, nossa pesquisa de dissertação procurou trabalhar nesta lacuna entre o dizer que autoriza/desautoriza a prática docente e seus reflexos discursivos na formação do papel social do professor de línguas¹.

Últimas considerações

Nossa intenção foi apresentar, ainda que sumariamente, pequenos recortes teóricos em que o linguista russo Roman Jakobson demonstra preocupação com os estudos da significação. Por outro lado, também apresentamos diretrizes básicas de nossa pesquisa de dissertação, que abordou a significação em outro viés, a Linguística de Corpus.

Sobre Jakobson, concordamos com as palavras do linguista russo Igor Mieltschuk, transcritas por Pomorska no pós-fácio de *Diálogos* (1985, p. 173-174): “é difícil encontrar um linguista que, atualmente, tenha escrutado de maneira tão intensa e aprofundada os laços existentes entre a linguística e as outras ciências”. Esta citação reitera o que defendemos ao longo deste artigo, a transdisciplinaridade que perpassa a obra jakobsoniana. Também são dignas de menção as palavras de Pomorska nesta mesma obra: “uma pesquisa intrépida, uma total ausência de conformismo científico, ausência que não deixou de desconcertar inúmeros contemporâneos – eis o aspecto que marca a obra inteira de Roman Jakobson”.

1 Para mais informações sobre as conclusões desta dissertação de Mestrado defendida em 2012, consultar o título “Retratos da docência em textos de revista: expectativas, papel social e emancipação, um estudo comparativo entre Letras e Educação Física”, disponível no link: http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4270.

Com o estudioso é possível obter inspiração para trabalhar com diversos ramos da Linguística, ciência cuja separação já se encontra relativamente definida no presente século. Não obstante a fragmentação dos estudos linguísticos em áreas distintas, o pensamento do linguista russo não encontrou fronteiras para a obtenção de conhecimentos, estreitando laços com expoentes em vários domínios do saber. O que consideramos interessante pontuar, aqui, foi como a significação seduziu o linguista ao longo de sua obra. Por fim, como estudantes e profissionais da área, cremos que a tarefa primordial e inequívoca nos estudos da linguagem é o entendimento da significação, seja via estruturalismo, seja pela análise do significado das regularidades com a Linguística de Corpus. *Como saber da linguagem sem saber da significação*, parafraseando o que dizia o poeta da linguística: precisamos compreender que nesse jogo da significação o limite não está na teoria que adotamos, e sim no olhar que nos permite enxergar a linguagem como um instrumento de transformação, de poder e de transcendência intelectual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus: histórico e problemática. **Revista DELTA**, São Paulo, v. 16, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 jun. 2010.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

FLORES, V; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. **O que fazem os poetas com as palavras**. In: Revista Colóquio Letras. Ensaio, n. 12, mar. 1973.

JAKOBSON, R; POMORSKA, K. **Diálogos**. São Paulo: Cultrix, 1985.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Letras – Português/Inglês pela Universidade de Cruz Alta, Especialização em Linguística, Ensino de Línguas e da Literatura pela mesma instituição, Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Maria e cursa Doutorado em Letras pela

Artefactum

Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia

Universidade de Passo Fundo (2014). Atualmente, é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, câmpus Passo Fundo, atuando no ensino de Língua Portuguesa e Inglesa.